

# Autoridade e amor na comunicação intrafamiliar de adolescentes com dificuldades escolares

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo discutir a comunicação em famílias. Foi realizado no NECASA - Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente da UFG - e teve como universo todas as famílias de adolescentes que apresentavam dificuldades escolares e que foram encaminhadas ao atendimento psicopedagógico, num total de nove famílias, no período de agosto a dezembro de 2000. No texto de hierarquias de idade e sexo, à luz da psicanálise de Freud, buscou-se compreender a constituição da subjetividade nas diversas estruturas familiares, em termos de padrões emocionais: os laços afetivos entre pais e filhos, homens e mulheres, amor e autoridade - gerações que se defrontam, sexos que definem suas diferenças e relações de poder, criança que assimila padrões emocionais de amor e autoridade.

**Palavras-chave:** psicologia; adolescência; comunicação.

*"Ele estava livre, infinitamente, a ponto de não mais se sentir pesar sobre a terra. Falta-lhe esse peso das relações humanas que entrava o passo, essas lágrimas, esses adeuses, essas queixas, essas alegrias, tudo o que um homem acaricia ou dilacera toda vez que esboça um gesto, esses mil laços que o ligam aos outros e o tornam pesado".*

*Saint-Exupéry.*

**E**ste trabalho tem como objetivo clarear os padrões de autoridade e amor constituídos no ambiente familiar como categorias fundamentais da educação intrafamiliar. Autoridade e amor foram definidos nos vínculos que se estabelecem entre os membros da família, e por isso foram focalizadas as funções materna, paterna e fraterna como mediadoras dessas relações..

Os dados estudados foram colhidos no NECASA - Núcleo de Estudos e Coordenação de Ações para a Saúde do Adolescente da UFG, durante todos os atendimentos psi-

copedagógicos realizados com famílias de adolescentes com dificuldades escolares, no período de agosto a dezembro de 2000, e foram analisados à luz da teoria psicanalítica. Os atendimentos somaram um total de oito famílias: Naum, Públio, Faraton, Messias, Carmelo, Caleb, Moab, Rodes (nomes fictícios adotados).

### As famílias falam

A comunicação na família, mediada pelas funções materna e paterna e também pelas funções do casal e fraterna, possibilita apreender padrões emocionais de autoridade e amor. A estrutura familiar se evidencia em qualquer época e, em cada uma, as interações entre seus membros se fazem em movimentos próprios contextualizados. Esse processo vem sendo determinado pelas freqüentes mudanças ocorridas na organização familiar. No entanto, o modo como a dinâmica da comunicação entre seus membros, conformadora das subjetividades que aí se formam, modifica-se certamente não pode ser explicado somente pelas transformações nos arranjos familiares.

A dinâmica das famílias evidencia o surgimento de diversos arranjos familiares. Embora seja empiricamente fácil observar essas mudanças, também se evidencia predominantemente a família formada por pai, mãe e filhos residentes numa mesma casa, ou seja, o modelo é aquele que não mudou em sua estrutura, embora tenha sofrido variações em sua composição. Na organização interna dos arranjos familiares pesquisados, predomina o casal, o que corresponde ao assinalado por Goldani (1994: 14-15) em pesquisa realizada no período de 1970 a 1989: "na organização interna dos arranjos familiares ainda predomina o casal, com ou sem filhos (...)". No âmbito desta pesquisa, essa organização se restringe a casais com filhos, visto tratar-se de pré-requisito para o seu atendimento no NECASA, famílias com filhos adolescentes. No entanto, é importante ressaltar que, embora se trate de arranjos familiares formados por casais com filhos, suas organizações se constituem de diversos tipos: marido e mulher de um primeiro casamento com filhos, arranjo predominante; mãe com dois filhos do primeiro casamento, padrasto e dois filhos adotivos; pai com um filho de uma relação anterior, mãe com uma filha também de outra relação e um filho do casal; mãe viúva do primeiro casamento com uma filha e pai, com o qual diz não ser casada: "a gente vive junto".

Evidenciam-se, portanto, novos arranjos familiares, talvez em decorrência, como já constatado anteriormente por outros estudos, do crescente número de separações e divórcios e do estabelecimento de

novas e complexas relações. No entanto, reafirma-se o sentimento familiar, definitivamente firmado no século XVII e que pode ser comparado, por ser entendido como partilhado por aqueles que vivem juntos, à família conjugal moderna. O sentimento de família se formou em torno da família conjugal, a família formada pelos pais e filhos, e, vale ressaltar, por dois fatos que se conjugam a esse momento: as modificações para com as crianças, que ocorreram nas relações internas da família, quando os pais desejaram ter seus filhos mais juntos a si mesmos, e o surgimento da escola como lugar importante na educação das crianças. Diz Ariès:

*"O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo ao nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola". (1981, p. 232)*

Neste estudo, constatam-se os sentimentos que unem o grupo familiar, embora nem sempre o núcleo original, e a sua imbricação ao valor dado à escola. Todos os membros das famílias, com exceção dos pais das famílias Públio e Carmelo, compareceram ao atendimento às famílias quando um filho apresentou dificuldades escolares, o que permite afirmar que ainda hoje, nas famílias estudadas, evidencia-se a indissociabilidade família-escola em relação à educação dos filhos.

Pode-se dizer que as "revoluções escolar e sentimental" se imbricaram de tal maneira que a família, ao se tornar um lugar de afeição entre os cônjuges e entre pais e filhos, exprimiu essa afeição "sobretudo através da importância que se passou a atribuir à educação" (Ariès, 1981: 11). Os pais passaram a se interessar pelos estudos dos filhos e não somente por estabelecê-los em função da honra e dos bens, como outrora. A família pas-

sou a se organizar em torno da criança e da preocupação com o seu futuro. Saiu do anonimato. O cuidado dispensado passou a inspirar uma nova afetividade - a de prepará-la para a vida - e ficou convencionalizado que essa preparação fosse assegurada pela escola.

No estudo, somente uma das mães era "do lar": todas as demais trabalhavam fora de casa, no que eram acompanhadas, no caso das famílias Faraton e Moab, pelos filhos. Se no modelo nuclear burguês<sup>1</sup> de família, o pai é o único provedor e isto lhe assegura o lugar de "senhor da casa" (Horkheimer, 1990, p. 219), agora essa posição possivelmente não mais se sustente, porquanto a participação da mulher, e às vezes dos filhos, na manutenção da família altera concretamente as relações de hierarquia, de autoridade paterna e de divisão de atribuições no contexto familiar. Fica em questão a família burguesa, o que marca uma trajetória em que já não se tem um modelo hegemônico, claro, definido, e abrem-se portas para a diversidade de arranjos familiares.

A família contemporânea é marcada por alterações nas relações que estruturam a vida familiar: a hierarquia centrada na diferença complementar entre marido e mulher e pais e filhos e a autoridade calcada na função de socialização dos filhos sofrem mudanças significativas decorrentes das alterações que ocorreram em relação às atribuições e aos papéis desempenhados pelos membros familiares, e à autoridade paterna. São os novos arranjos familiares que se expressam e, por conseguinte, traduzem as significativas mudanças nas relações de autoridade e amor compartilhadas pelos membros da família.

A criança nasce e já encontra, na família, a estrutura de autoridade da realidade externa. Na família nuclear burguesa, a autoridade centra-se na figura do pai, e é essa estrutura que constituirá as subjeti-

vidades que aí se desenvolvem. Não importam as intenções e os modos conscientes do pai que educa, mas a própria estrutura da família, no caso. À mãe cabem as atividades no espaço doméstico conquanto a família burguesa reforça o seu papel na importância do amor familiar e no cuidado com o marido e os filhos. É no desempenho desse papel que a mãe abre caminhos para que os filhos, através dela inicialmente, cheguem até o pai, amando-o e respeitando-o ou não, na sua posição de autoridade.

Os diferentes modelos de pais que aparecem para além da figura de "senhor da casa" nas outras sete famílias estudadas são diferentes daqueles cuja autoridade paterna é inquestionável, bem configurada e sustentada pelo grupo familiar. Re-

*A comunicação na família, mediada pelas funções maternas paterna e também pelas funções do casal e fraterna, possibilita apreender padrões emocionais de autoridade e amor.*

presentam a autoridade que ora não pode ser exercida por falta de condições do próprio pai, ora por não ser aceita pela mãe e pelos filhos. É importante ressaltar que essa mudança na posição da autoridade paterna não se dá, no universo pesquisado, pela ausência física do pai. Pelo contrário, naquela família descrita como representante do modelo nuclear burguês, o pai "comparece casualmente em casa", e é nela que se pode observar a posição mais definida e clara do exercício dessa autoridade, acompanhada pelo amor que lhe dirigem os filhos, expressado pela voz da filha que fala.

O pai é quem chega depois, um terceiro que se interpõe nessa relação dual entre mãe e filho, que já se encontra fortalecida, formando a triangulação mãe, pai e filho. São

eles, mãe e filho, que darão a sustentação necessária ao exercício da função paterna. É certo que, para exercê-la, o pai depende de suas próprias condições pessoais, mas também, indispensavelmente, da sustentação dada pela mãe e filhos, que a legitimam. Não se pode esquecer de que o pai já participava da família desde a sua origem, des-

periências de aprendizagens anteriores, vividas nos vínculos familiares, que não foram bem elaboradas e que hoje se atualizam na transferência para outros educadores - os professores, e pares - os colegas. São aprendizagens que precisam emergir para que possam ser olhadas de um outro lugar, da adolescência, o que permite ressignificá-las, com os recursos mentais construídos por experiências bem elaboradas. É um membro da família, no caso um adolescente, possibilitando que a família se comunique através dele.

O que se constatou, já anunciado por outros estudos, foram as mudanças na organização familiar, com a conseqüente diversidade de rearranjos familiares. Em decorrência, o que se observa são outros modos de ser pai, de ser mãe e de ser filho, ou seja, são visíveis as alterações nos papéis desempenhados pelos membros familiares e suas atribuições. Esta diversidade evidencia conseqüentes mudanças no exercício da autoridade paterna, nas formas de ser filho e nas relações que estruturam a vida familiar. Deslocam-se a posição do pai, da mãe e dos filhos. As funções permanecem, a comunicação se transforma: pais mais silenciosos, mães que ora falam, ora autorizam que um filho fale. Mães que estão sempre ligadas aos filhos: de forma suficiente, de forma excessiva como na família Naum, ou excluindo algum como na família Caleb, não importa. O que se vê é a continuidade daquela relação primeira, mãe e filhos sustentando e legitimando a função do pai. Quando isso não é possível, continuam juntos, agora mãe sustentando e autorizando o filho que fale em nome do pai.

Freud compreendeu a proibição centrada no pai. O que se pode constatar é a tendência da proibição descentrada em outras figuras. Novas estruturas, novas formas de ser pai, mãe e filhos e de exercícios da autoridade e amor, novas comu-

nicações. Cabe perguntar: se um irmão fala em nome do pai, que lugares ocupam os outros filhos? É uma pergunta que fica e merece aprofundamentos. Este estudo permite pensar que, ao falar em nome do pai, ou ao fazer a mediação entre o pai e os irmãos, o filho está exercendo uma função, estabelecendo a função fraterna. Esta deverá, para além do apontado por este estudo, incluir variações as mais complexas já que, segundo Kancyer (1995), o "complexo fraterno" provém do interjogo que se estabelece a partir da dinâmica narcisista entre os distintos tipos de dupla em interação ou independência da dinâmica edípica (1995, p.677). Diz esse autor:

*"Assim como o complexo de Édipo - pela proibição do incesto - insere o sujeito na ordem cultural, o complexo fraterno - pelo encaminhamento das relações narcisistas, articuladas ou não com a conflitiva edípica - insere o indivíduo na ordem social". (1995, p. 689).*

O irmão é por demasiado semelhante, mas é o primeiro "estranho", é o outro a ser enfrentado, o intruso, o duplo.

*"...carregue essas miudezas todas pra casa e conte entre olhares de assombro como foi se erguendo a história do filho e a história do irmão;" (Nassar, 1989, p. 74).*

O pai deslocou-se, o símbolo que o representa na triangulação edípica sustentada pela mãe e pelo filho é necessário, fundamental na constituição dos sujeitos. Que subjetividades construirão os filhos nas novas estruturas que aí estão? O que falam os filhos para os pais? E os pais para os filhos?

Os filhos pedem aos pais amor, atenção às suas necessidades. Os pais manifestam preocupação com a educação e sociali-

*o os novos arranjos familiares que se expressam por conseguinte, traduzem significativas mudanças nas relações de autoridade e por compartilhadas pelos membros da família.*

de quando o homem e a mulher se olharam pela primeira vez. Os momentos, os ciclos de vida da família vão sendo construídos e, em cada um, preponderam determinados vínculos. O pai sempre participou e coube-lhe colocar limites numa relação que teria de incluí-lo na forma de lei, daquele que interrompe

*autoridade calcada na socialização dos filhos parece estado sempre presente vida familiar...*

o vínculo simbiótico entre mãe-bêbe, para fazê-lo crescer, desenvolver-se e tornar o filho um sujeito autônomo e com identidade própria.

Na adolescência, ocorre a revivência das experiências vividas na infância. Os adolescentes das famílias que compõem este estudo apresentaram inicialmente queixas de dificuldades escolares e de aprendizagem. Se tomarmos essas queixas como sintomas, é necessário entender que podem expressar ex-

zação dos filhos. Ficam claras as relações afetivas presentes e construídas entre pais e filhos. No exercício do amor, pais querem ensinar a vida para seus filhos, e os filhos pedem que eles os ensinem com "compreensão", "respeito", boa educação..."

*...o amor na família é a suprema forma de paciência. (Nassar, 1989, p. 61)*

Embora os afetos representem um recorte significativo, eles não podem ser entendidos isoladamente. Ao se falar de amor também está se falando de autoridade, como se pode perceber na fala de uma mãe: - "Quero ensinar uma vida digna, com bons exemplos, com amor de pai e mãe...". A autoridade calcada na socialização dos filhos parece ter estado sempre presente na vida familiar e o que se constata hoje é que, embora a família se apresente numa diversidade de arranjos, com variadas formas de ser pai, mãe e filhos, ela continua presente, talvez pelo que neste estudo é recorrente tanto no discurso dos pais quanto no dos filhos: o desejo de estarem "unidos", "reunidos", "juntos". Dizem os pais: - "Poder ficar todos reunidos, juntinhos"; - "Todos juntos, reunidos foi muito bom. Muito bom quando reuniu todo mundo"; - "A gente é uma família unida e a gente pode unir mais"; diz uma mãe: - "Eu ia trazer os meninos tudo para perto de mim, longe dos meninos foi ruim"; e outra: - "Eu não penso hora nenhuma sozinha, ora com ele e ora com os meninos"; diz uma filha: - "Foi ruim quando estava longe do pai e da mãe". Como se pode ver, o desejo de reconhecer e ser reconhecido pelo outro, base da constituição da subjetividade, de se ter referências, ficam evidentes nessas falas, e a autoridade, outrora centrada na figura do pai, dá lugar a representantes que podem exercê-la conforme o pedido realizado.

Os adolescentes expressam seus gestos, falam através de suas dificuldades escolares. O que comunicam? O que falam?

Adolescentes que expressam suas dificuldades escolares e através delas conseguem trazer todos, pai, mãe e irmãos (com exceção de dois pais), para o atendimento familiar, permitem apreender que o sentimento que se criou em torno da família formada por pais e filhos, ainda hoje se mantém presente. Esse sentimento de afeição, que se exprime através da importância que os pais atribuem à educação dos filhos, constatado já no século XVII, e que nasceu imbricado à escola, parceira na preparação dos filhos para a vida, ainda hoje permanece. Família e escola fusionados, não discriminados, nos vínculos que crianças e adolescentes estabelecem com seus educadores.

Os filhos expressam suas necessidades através de dificuldades escolares; os pais, preocupados com seus futuros e vendo a escola como parceira que assegura a preparação dos filhos para a vida, têm olhos e ouvidos para vê-los e escutá-los. Expressam os filhos: "desatenção", "falta de memória", por vezes, não se consegue ler, copiar, "não pode expressar", não gosta de estudar, não gosta de fazer tarefas. Todos expressam dificuldades na aprendizagem. Aprendizagem de vida e/ou aprendizagem escolar? Seria possível discriminá-las?

É no confronto de gerações e nas definições das diferenças e relações de poder que experimentam o homem/pai e a mulher/mãe, que o psiquismo individual da criança e do adolescente se organiza para assimilar padrões de amor e autoridade, inicialmente na família, depois na escola. Se, para Freud, o pai é a figura absoluta na constituição das fundamentais leis internas; se essa lei, para ter efeito de interdição, precisa de quem a coloque, mas reciprocamente também de quem precise

*É no confronto de gerações nas definições das diferenças e relações de poder, que o psiquismo individual da criança e do adolescente se organiza para assimilar padrões de amor e autoridade;*

dela; se mãe e filho são as bases de sustentação da "força" do símbolo paterno no entremeado complexo de relações que se verifica na família de qualquer época; se se faz presente a necessidade de referências para se constituir sujeito, então há que se pensar nas novas formas de ser pai, mãe, filho e irmão.

### *Autora:*

\* Psicóloga, Pedagoga, Mestre em Psicologia, Especialista em Psicopedagogia, Professora de Psicologia na FE/UFG.

### *Notas:*

<sup>1</sup> Considera-se modelo nuclear burguês aquele em que mãe, pai e filhos moram numa mesma casa, onde o pai é o provedor e "dono da família" e a mãe é a "dona da casa".

### *Bibliografia:*

- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. VIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). Vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). Vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). Vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. O Ego e o Id (1923). A dissolução do Complexo de Édipo (1924). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). Vol. XIX.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. In: Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, nº 91, 1994.
- HORKHEIMER, Max Teoria Crítica I. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- KANCYPER, Luis. Complejo fraterno y complejo de Édipo. Rev. Psicoanálisis, V. 52, n. 3, 1995. (Apresentado em: Congresso Internacional de Psicanálise, 39; São Francisco, 1995).
- NASSAR, Raduan. Lavoura arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- POSTER, Mark. Teoria crítica da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.